

A “DISFUNCIONALIDADE” DO ENSINO SUPERIOR E A RECONSTRUÇÃO DIALÓGICA COM A COMUNIDADE POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO TALIAN

THE “DYSFUNCTIONALITY” OF BRAZILIAN HIGHER EDUCATION AND THE DIALOGIC RECONSTRUCTION WITH THE COMMUNITY THROUGH UNIVERSITY EXTENSION: THE EXPERIENCE OF THE TALIAN PROJECT

Melissa Bertolini Rodrigues ¹

Luis Marcello Bessa Maretti ²

Francis Kanashiro Meneghetti ³

Resumo: Em tempos em que as críticas ao ensino superior se tornam cada vez mais frequentes, fruto da mimetização de países de capitalismo avançado que fazem parte do Norte Global, em um contexto de disciplinarização do objeto de estudo, orientado de modo exógeno, autorreferenciado, não dialógico e cientificista, o papel de um de seus pilares – a extensão universitária – demanda uma análise crítica-reflexiva. Como processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, decorrente de uma ciência não neutra, integrada ao ensino e à pesquisa, a extensão universitária deve promover a interação entre a universidade e outros setores da comunidade através de uma relação de sujeitos, colaborando com a formação cidadã e profissional estudantil, bem como gerando benefícios à comunidade que dela participa. Nesse contexto, como forma de superação da “disfuncionalidade” universitária e recuperação da legitimidade do ensino superior, o presente artigo, através de uma abordagem qualitativa e com base no projeto de extensão denominado Talian Língua de Herança da Comunidade Italiana na Grande Curitiba, re-

1 Doutoranda em Italianística pela Rutgers University (EUA). Mestre em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Pós-Graduada em Logística e Supply Chain pela Fundação Getúlio Vargas – FGV. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Curitiba. Graduada em Letras Italiano Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atua na intersecção entre linguagem, cultura e tecnologia, com interesse em estudos linguísticos, tradução, políticas linguísticas, artes visuais e ensino de italiano como língua estrangeira. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0226560218256751>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6547-5184>. E-mail: melissabertolini@hotmail.com

2 Doutorando em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Mestre em Direito pela Universidade Positivo – UP. Pós-Graduado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas – FGV. Pós-Graduado em Direito Tributário pela Uniassevi. Pós-Graduado em Direito do Estado pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Bacharel em Direito. Foi professor de Direito Tributário, Financeiro e Introdução ao Estudo do Direito na Universidade Estadual de Londrina – UEL. Atua como Procurador da Fazenda Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6903544613492857>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0735-910X>. E-mail: marettilluis@gmail.com

3 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Estágio Pós-Doutoral em Filosofia pela PUC-PR. Mestre em Administração pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Atua como professor EBT da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR vinculado ao Departamento Acadêmico de Gestão e Economia e aos Programas de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE e de Pós-Graduação em Administração – PPGA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8238451312475074>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0327-2872>. E-mail: francis@utfpr.edu.br

gistrado junto a Universidade Federal do Paraná – UFPR, tem como objetivo demonstrar como possível resultado a aptidão da extensão universitária como instrumento digno de reconstrução dialógica entre a universidade e a comunidade, contribuindo no desenvolvimento do campo em estudo.

Palavras-chave: Universidade. Disfuncionalidade. Comunidade. Reconstrução Dialógica. Extensão Universitária.

Abstract: At a time when criticism of Brazilian higher education is increasing as a result of mimicking advanced capitalist countries that are part of the Global North, in a context of disciplinarization of the object of study, exogenously oriented, self-referenced, non-dialogical and scientific, the role of one of its pillars – university extension – demands a critical-reflexive analysis. As an interdisciplinary process involving education, culture, science, and politics, resulting from a non-neutral science, integrated with teaching and research, the university extension should promote interaction between the university and other community sectors through a relationship of subjects, collaborating with student citizenship and professional training, as well as generating benefits to the community that participates in it. In this context, as a way to overcome the university “dysfunctionality” and restore the legitimacy of higher education, based on Talian Language of Heritage of The Italian Community in Greater Curitiba extension project, registered with the Federal University of Paraná (UFPR), this article aims to demonstrate, as a possible result the aptitude of extension university as an instrument worthy of dialogic reconstruction between the university and the community. This will contribute to the development of the field under study.

Keywords: University. Dysfunctionality. Community. Dialogical Reconstruction. University Extension.

Introdução

Crescem as críticas dirigidas ao ensino superior fruto da mimetização de países de capitalismo avançado que fazem parte do Norte Global, detentores de um saber acoplado ao conceito de sociedade do conhecimento, o qual é inapropriado a países tidos como de capitalismo periférico como o Brasil (Dagnino, 2015).

Tem-se uma impotência social representativa de um domínio na qual as pessoas são impossibilitadas de pensar e agir além de registros que se impõem como uma ordem natural (Decca, 1982), um verdadeiro disciplinamento que já a partir dos séculos XVII e XVIII tornaram-se fórmulas gerais de dominação (Foucault, 1994) e que permanecem ainda hoje.

Em um contexto de disciplinarização do objeto de estudo, orientado de modo exógeno, autorreferenciado, não dialógico e cientificista, o conhecimento se pretende neutro e universal (Dagnino, 2015). Nessa quadra a educação vem sendo vista como um fenômeno antagônico representativo de um instrumental de manutenção dos detentores do poder – social, ideológico, econômico, dentre outros – em que há um opressor e um oprimido (Freitag, 1986).

Tal fato distancia a universidade da comunidade em que inserida levando à descrença de que o ensino e a pesquisa por ela produzidos possam ter papel de destaque na formação cidadã e profissional estudantil, e na melhoria das condições da comunidade que a rodeia.

A fim de se contrapor à “disfuncionalidade” universitária apontada; aprioristicamente merece ter-se em conta a noção de que ciência e tecnologia são projetos complexos que se formam em contextos históricos e culturais específicos (Cutcliffe, 2003) representativos de instrumentos aptos a atingir objetivos socialmente definidos, focando-se no bem-estar social (Velho, 2011).

Parte-se do pressuposto que as tecnologias são construções sociais ao mesmo tempo e da mesma forma que as comunidades são construções tecnológicas (Thomas, 2009), não moldando só um modo de vida, mas muitos estilos de vida diferentes, cada um dos quais refletindo escolhas distintas de objetivos e adjacências da mediação tecnológica (Feenberg, 2003).

Nesse cenário é possível afirmar que a ciência não é neutra, encontrando-se afastada do ideário trazido pelo determinismo tecnológico, devendo possuir caráter interdisciplinar, não-linear, com aspectos locais concorrendo com ideários universais, produzida por atores coletivos e direcionada aos anseios das comunidades que a desenvolve.

Assim também ocorre com a educação. A prática educativa faz parte de uma ciência não neutra, cujo posicionamento deve ser crítico e político implicando uma relação, não de objeto, mas sim de sujeitos – o educador e o educando – onde a experiência de vida de ambos – aqui incluídos os valores éticos, morais e aspirações – é tomada em conta na transmissão e no desenvolvimento das atividades pedagógicas (Freire, 1994).

Nesse contexto, o papel de um dos pilares do ensino superior, a extensão universitária, demanda uma análise crítica-reflexiva.

Com razão, a extensão universitária como processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, decorrente de uma ciência não neutra, integrada ao ensino e à pesquisa, deve buscar promover a interação entre a universidade e outros setores da comunidade através de uma relação não de objetos, mas sim de sujeitos, colaborando com a formação cidadã e profissional estudantil, bem como gerando benefícios à comunidade que dela participa.

Fica aqui evidenciado que as relações estabelecidas entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitam múltiplas oportunidades de articulação e engajamento entre instituições científico-acadêmicas e a comunidade na qual se insere (Souza et al, 2017).

Mas será a extensão universitária um dos caminhos para a superação da “disfuncionalidade” indicada para as universidades brasileiras? Quais elementos devem ser considerados no processo integrativo entre universidade e as comunidades relacionadas a ela?

Por meio da retomada de um *paper* apresentado pelos autores junto ao Paine! Aberto 126, no 4S/ ESOCITE, ocorrido em Cholula, México, entre os dias 7 e 10 de dezembro de 2022 e um relato de experiência baseado no projeto de extensão denominado Talian, Língua de Herança da Comunidade Italiana na Grande Curitiba, registrado junto a Universidade Federal do Paraná – UFPR, pretende, este artigo, realizar a discussão do tema.

Metodologia

Esta é uma pesquisa que adota uma abordagem qualitativa, relevante para o estudo das relações sociais em virtude da pluralização das esferas da vida (Flick, 2009), pautada pela interação entre os pesquisadores e o conjunto que compõe esse próprio trabalho, com a utilização do método dialético cujo foco é o processo de interação mútua entre homem e sociedade – aqui a reconstrução dialógica entre a universidade (por meio de projetos de extensão) e a comunidade.

Além disso, a abordagem qualitativa também está pautada na interação entre os pesquisadores e suas próprias referências, análise e o objeto de pesquisa, uma vez que sua própria ideia não se sustenta como conceito teórico e metodológico uniforme, havendo múltiplas abordagens para embasar debates, discussões e reflexões referentes à prática desta pesquisa (Flick, 2009; Denzin; Lincoln, 2006).

Desenvolvimento (Resultados e Discussões)

O desenvolvimento inicial do presente artigo decorreu da retomada do *paper* apresentado no Painel 2 – Sociedade do Conhecimento e Educação Superior, solicitado como um *Position Paper* pelos organizadores do *Foro Latino-Americano de Educación Superior*, realizado entre os dias 17 e 18 de novembro de 2014, em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil, pelo Professor Renato Dagnino, denominado “*Como é a Universidade que o Brasil precisa?*”.

Referida retomada tem seu momento quando da apresentação da análise crítica do mesmo *paper*, realizada pelos autores, junto ao Painel Aberto 126, no 4S/ESOCITE, ocorrido em Cholula, México, entre os dias 7 e 10 de dezembro de 2022. O tema principal proposto para o painel indicado teve como foco a “Pesquisa e a Extensão para (Re) Construções Dialógicas entre Universidade e Periferia”.

O propósito daquele trabalho apresentado foi o de refletir sobre as afirmações de Dagnino acerca do papel da extensão e, também, ainda que embrionariamente, questionar possíveis alternativas às propostas realizadas por este professor.

Assim, por bem, os autores retomaram alguns dos aspectos enunciados no *paper* original, como por exemplo: o diagnóstico de “disfuncionalidade” para a universidade brasileira; a discussão a respeito da sua superação e da recuperação da legitimidade da universidade frente à comunidade, com a indicação de um possível caminho através da função da pesquisa e da extensão universitárias; a orientação disciplinar dessa pesquisa e extensão, que se apresentaria como disfuncionalmente disciplinada; e, ainda, os aspectos de autorreferenciamento; falta de dialogicidade; e o caráter cientificista para esses mesmos valores sustentáculos da universidade em si.

O propósito ou o objetivo aqui indicado seguiu a sugestão provocativa do próprio Professor Dagnino que pretendia que o *paper* apresentado em 2014 adquirisse um caráter de insumo para uma “discussão substantiva” (Dagnino, 2015, p. 294).

O texto começa com uma crítica ao título do Painel para o qual foi proposto, cujo nome era “Sociedade do Conhecimento e Educação Superior”, porquanto a disseminação desses conceitos de economia de conhecimento ou de sociedade de conhecimento foram relevantes nas políticas públicas dos países capitalistas avançados ou centrais e, desse modo, inadequados para países com características e diferenças tão evidenciadas como os países de capitalismo periférico – aqui inserido o Brasil (Dagnino, 2015).

Ademais esse “conhecimento”, fruto da dinâmica tecnocientífica monopolizada daqueles países e suas sociedades seria marcado pelos vieses (pretensos e pretenciosos) da neutralidade, da universalidade e do determinismo da tecnociência (Dagnino, 2015, p. 295).

Refutados os conceitos iniciais, procedeu-se ao diagnóstico de “disfuncionalidade” da universidade, percebida de modo distinto pela esquerda e pela direita no Brasil, segundo suas constatações (Dagnino, 2015).

Para a direita nacional, que majoritariamente acredita que a universidade pública deve encontrar aliados na esfera privada para assim tornar-se mais produtiva e mais eficiente, a visão pragmática e utilitarista prevalece (Dagnino, 2015). Desse modo, a universidade já não teria função para a classe dominante enquanto baluarte em seus projetos de acumulação (Dagnino, 2015).

Para a esquerda pátria, por outro lado, também se consubstanciaria o mesmo diagnóstico, ainda que baseado em outros aspectos. A universidade no Brasil é elitista e elitizada e a universidade privada é considerada por muitos como “fábricas de fazer diplomas” (Dagnino, 2015, p. 302).

Adicionalmente, conquanto mitigada pelas diversas políticas afirmativas em vigência no país, as pessoas com menos recursos estão nas universidades privadas, enquanto os ricos nas universidades públicas (Dagnino, 2015). Para além da presente dicotomia, no modelo de substituição de importações, o Brasil não conseguiu, ao longo dos anos, substituir também o conhecimento tecnocientífico, necessário para a produção dos mais diversos bens (Dagnino, 2015).

Assim, a universidade pública “não seria funcional ou necessária”, quer para classe dominada, que segue à sua revelia e, tampouco, para a classe dominante, cujas “apostas lucrativas” estão associadas a conhecimentos estrangeiros (Dagnino, 2015, p. 303).

Segundo Dagnino esse diagnóstico não seria percebido como tal pelo movimento docente que, para si, adotaria meramente atividades de reivindicações corporativas (Dagnino, 2015). Esse discurso defensivo, novamente na constatação e análise do referido professor, se esgotaria em si mesmo e não consideraria a concepção de projetos para o futuro da Universidade.

Diante desse assombroso diagnóstico e percepção, questiona ele como recompor a universidade pública, sugerindo que um caminho possível de reorientação fosse “iniciado pela extensão universitária” (Dagnino, 2015, p.305).

A extensão universitária é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que promove a interação transformadora entre universidades e setores da sociedade, devendo estar integrada ao ensino e à pesquisa e colaborar também com a formação cidadã e profissional de seus estudantes, segundo definição do artigo 3º, da Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 do Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2018).

A extensão universitária pode ser desenvolvida sob a forma de Programa, Projeto, Curso, Evento ou Prestação de Serviço Extensionista, pela atuação de docentes, estudantes, técnicas ou técnicos administrativos e por colaboradores de fora da Universidade (Brasil, 2018).

Alguns dos condicionantes históricos do estilo vigente para a extensão universitária encontram suas raízes no desenvolvimento de estratégias defensivas pelas universidades para se preservar no contexto político dos governos militares ocorridos no Brasil. Para manter-se como uma trincheira defensiva contra o crescente autoritarismo, as universidades elegeram as bandeiras da “qualidade” e da ciência pura (Dagnino, 2015, p. 305).

Sequencialmente, mimetizando países de capitalismo avançado, houve a profissionalização das disciplinas e, especificamente nas Humanidades, o movimento implicou na “disciplinarização” daqueles conteúdos internacionais (Dagnino, 2015, p.306).

Assim e para situar a problemática da extensão, como define em seu texto, Dagnino começa pontuando, primeiramente, que a pesquisa que se faz na universidade é disciplinar, ou seja, orientada por disciplinas e não, como deveria ser, por problemas do contexto socioeconômico. Os problemas, todavia, não são compartimentados em departamentos ou mesmo em disciplinas, que são, por sua vez, multidisciplinares (Dagnino, 2015).

Outrossim, a pesquisa seria autorreferenciada e a universidade teria o “monopólio” da capacidade de pesquisar, definindo suas prioridades a partir de agendas de pesquisas estabelecidas, via de regra, pelos países ditos centrais, como se essas agendas atendessem certa universalidade, sendo irrelevante, portanto, o respectivo “tecido social” que as constitui. Segundo o professor Dagnino, para a extensão, sobraria o tempo marginal, a qual não seria pensada *a priori* ou tampouco solicitada pela comunidade local ou pelo contexto socioeconômico (Dagnino, 2015).

Para a composição de um novo projeto de universidade, a extensão deveria possuir um desenvolvimento inclusivo, socialmente justo, economicamente igualitário e ambientalmente responsável. A universidade influencia e também é influenciada pela comunidade na qual está inserida e a extensão deve funcionar como uma via de duas mãos, levando conhecimentos e também aprendendo, através do contato com a comunidade local.

Adicionalmente,

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de fato, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no currículo e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural (Santos, 2004, p.53-54).

A concepção alternativa, indicada acima por Boaventura de Sousa Santos (Santos, 2004), reverbera também em Dagnino no texto pivô da análise em apreço, donde se depreende acerca da inviabilidade do modelo tecnoprodutivo, há muitos anos perseguido pelas elites econômicas (Dagnino, 2015).

Além desse aspecto, existe um grande desafio associado ao déficit de capacidade material apresentada pela comunidade brasileira em lidar com demandas coletivas de infraestrutura, ao mesmo tempo que trabalha, ou precisa trabalhar, com a exclusão social. Sugere Dagnino que o potencial produtivo e tecnocientífico despendido até o presente momento na implementação e manutenção do modelo tecnoprodutivo sejam efetivamente alocados para superação do desafio mencionado (Dagnino, 2015).

Para ele, a extensão seria precisamente o canal privilegiado para realizar a concepção desse novo modelo, enquanto também exerce uma força motriz geradora de transformação social. E justamente nesse ponto, sugere à universidade a “intenção”, no sentido de internalizar, as agendas cognitivas dos movimentos sociais, propriamente como balizas e diretrizes das atividades acadêmicas (Dagnino, 2015).

No ponto, esclareça-se, não através de um enfoque insulado, disciplinar ou destacado ou ainda “em busca da verdade”, mas efetivamente trazendo aquelas agendas para dentro da universidade, como orientadoras. Utilizando o termo “exinvestigação”, no sentido de construir em conjunto com os movimentos sociais, conhecimento “para fora” do mundo da universidade, transforma o processo de orientação de agendas de pesquisa e extensão, até então por disciplinas, para *problem oriented e policy oriented* (Dagnino, 2015, p. 322).

E, sob essa ingerência, destaca Dagnino os temores associados a partidarização da universidade a partir da sua politização (Dagnino, 2015).

Veja, porém, que a universidade é formada por pessoas, por coletivos e por consciências múltiplas e como tal, seu território é necessariamente de enfrentamento político, de formação de subjetividades e, também, de contradições que tencionam entre si (Dagnino, 2015). Tratam-se de pessoas, coletivos e consciências múltiplas e representativas de diversos setores da comunidade onde se aloca, que manifestam processos dialógicos, solidários e democráticos.

A extensão democraticamente construída deve ter como guia e direção “o apoio solidário na resolução dos problemas da exclusão e da discriminação sociais e de tal modo que nele se dê voz aos grupos excluídos e discriminados” (Santos, 2004). Para tanto, Dagnino considera as vias da economia solidária e da tecnologia social como fatos portadores de futuro e possível saída do atual *conundrum*. Considera-as, assim, entre outros, diante do crescimento da demanda tecnocientífica real (e potencial) vivenciados na economia solidária, consubstanciados, em sua grande maioria, na esteira da precarização do mundo do trabalho (Dagnino, 2015).

Haveria, a seu ver, o fortalecimento desse arranjo societário baseado na estruturação dos movimentos sociais que emergem da economia informal, os quais ainda submetidos à dinâmica de mercado, potencializam-se para a formação de cadeias produtivas mais densas, completas e autônomas. Embora necessitem ainda de apoio do Estado, mediante a adequação sociotécnica e atuação conjunta com as universidades no desenvolvimento de Tecnologias Sociais, podem revelar-se como alternativas tecnocientíficas (Dagnino, 2015).

Com efeito,

A Adequação Sociotécnica pode ser entendida como um procedimento suplementar aos de cunho técnico-econômico usuais e fundamentado na Abordagem Sociotécnica dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia que busca adequar do conhecimento tecnocientífico convencional (produzido pela e para as empresas privadas), a processos de produção e circulação de bens e serviços, de forma coerente aos interesses de grupos sociais relevantes distintos daqueles que o originaram organizados em empreendimentos solidários (Dagnino, 2015, p. 324).

Nesse sentido, caberia a mecanismos institucionais relativos à extensão universitária, a identificação de oportunidades de investimentos dependentes de decisões estatais e que poderiam estar voltados para empreendimentos solidários dotados de Tecnologia Social (Dagnino, 2015).

Entre outras tantas considerações, as quais por motivos diversos, destaca-se a pertinência ao tema elencado, o texto original, próprio pela derivação da sua argumentação, e referencial teórico desse artigo, faz um questionamento final, qual seja, “Por que continuar emulando um padrão de tecnociência que não é neutro, que serve às grandes potências e está cada vez mais monopolizado pelas suas grandes empresas?” (Dagnino, 2015, p. 327).

No ponto, o próprio texto fornece algumas sugestões para sua resposta, entre as quais, algumas já delineadas brevemente durante o desenvolvimento presente. Certo parece que a comunidade a ser construída deverá ser intensiva em conhecimento, porém o conhecimento vislumbrado não pode ser aquele mesmo produzido pelos grandes conglomerados mundiais, que mantêm e reforçam a crescente desigualdade econômica e social e, também, a insustentabilidade, em qualquer dimensão possível que se vislumbre (Dagnino, 2015).

Para tanto, a caminho da sua conclusão, destaque-se a relevância de se pensar as políticas públicas, especialmente as que se relacionam diretamente com o conhecimento e sua produção, como germes de futuras políticas cognitivas para orientar o caminho do país no sentido de uma comunidade em que o conhecimento seja, de fato, para todos, compartilhado e produzidos por todos (Dagnino, 2015).

Assim, e no esteio dessa orientação, cabem alguns pontos a serem aqui considerados pelos autores, que, senão contrastam exatamente, percebem algumas das colocações até o momento expostas, de modo um pouco distinto.

Com efeito, desde 2003, marco da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária, ligada ao Ministério do Trabalho e do Emprego, é fato que ela vem, paripasso, tornando-se uma realidade importante e inovadora no cenário da economia brasileira.

Sabe-se, todavia, que, sem renunciar a muitos dos seus princípios ideológicos, que são, em última instância, a sua marca, a economia solidária enfrenta incontáveis dificuldades de complementação e inserção em políticas coesas.

Ressalte-se, sinteticamente, entre os muitos desafios: a dificuldade de estruturação da comercialização (formação de redes solidárias e a construção de vínculos entre empreendimentos que respeitem, na integralidade, os princípios da economia solidária para criação de um mercado solidário); a obtenção de crédito; e, o fato de a economia solidária estar vocacionada para ser construída de forma aberta, sendo organicamente integrada (Lisboa, 2000).

Outro predicamento à temática posta está relacionado à própria manutenção ideológica, como já indicado. No caso, pode-se resultar daí, por conseguinte, para a cooperativa de produção, verem-se os operários na necessidade contraditória de governar-se a si mesmos com todo o absolutismo necessário e desempenhar entre eles mesmos o papel do patrão capitalista. É dessa contradição que morre a cooperativa de produção, quer pela volta à empresa capitalista, quer, no caso de serem mais fortes os interesses dos operários, pela dissolução (Singer, 2000).

Demais disso, no elenco das dificuldades, temos a questão voltada à organização de políticas públicas de incentivo. Nesse cenário,

Faz-se necessário examinar a possibilidade de colocar na agenda do desenvolvimento nacional o potencial de um emergente setor da Economia Popular e Solidária como base duma presumível ‘plataforma de economia popular e solidária’, lastro para uma alternativa de desenvolvimento para o Brasil (...). Para a Economia Popular e Solidária cumprir sua missão contemporânea de ser uma alternativa à exclusão, ela deve se configurar enquanto um vetor de desenvolvimento (Lisboa, 2000, p.5)

E, para resumidamente, encerrar esse rol espinhoso, rememora-se a questão da contribuição técnico-científica, existindo, por exemplo, a necessidade de formação de todos os envolvidos para que seja possível um sistema de autogestão. Além desse aspecto ligado à organização, é necessário treinamento para lidar com ferramentas de tecnologia de informação, gestão de recursos humanos, entre outros.

Portanto, ainda que muito superficialmente indicados, a economia solidária tem um caminho de desenvolvimento em suas bases fundamentais e sim, as universidades podem desempenhar muitas atividades extensionistas para construir juntos essa pavimentação.

Entretanto, inobstante a economia solidária seja, de fato, um vislumbre de uma possível comunidade baseada em outro modelo tecnoprodutivo, ainda estão à sua revelia outras questões sociais não necessariamente contempladas, abarcadas e resolvidas por ela, entre as quais, as questões de gênero, raça, etnia, geração, entre outras.

Em outro espectro, ainda que o panorama traçado por Dagnino seja aquele realizado no alicerce dos seus estudos e anos de experiência e, perpassa por aspectos incontestáveis, existem outras vivências relacionadas à extensão não necessariamente contempladas pelo texto de origem.

Com efeito, nem todos os pesquisadores são alheios a outros tipos de tecnociência, havendo um grupo crescente de professores e pesquisadores fazendo suas análises e pesquisas com vistas a refletir sobre estratégias para reprojeção do padrão tecnocientífico, como é possível perceber através da vasta literatura. A Urgente Tarefa de Retomarmos o Futuro por Meio da Tecnociência (Dias; Serafim; Santos, 2019), artigo de autoria dos Professores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) é um dos muitos exemplos para ilustrar esse movimento.

Da mesma forma, não se produz em pesquisa ou mesmo extensão, somente mimetismo ou adaptação “quantitativamente” da agenda de países ditos ou considerados centrais (Dagnino, 2015, p. 309), conforme exemplificado a seguir, através do Projeto de Extensão Universitária, registrado como Talian, Língua de Herança da Comunidade Italiana da Grande Curitiba, junto à Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Com efeito, em 2018 foi realizada a proposta do evento de extensão universitária com o nome acima indicado, vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras e Modernas da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Tratou-se de uma iniciativa que partiu de uma demanda da comunidade falante local – no Estado do Paraná, assim como em outros Estados do país, existe forte presença de imigrantes italianos –, através da presença de alunos dessa comunidade no curso de Letras – Italiano, na UFPR e construída dialogicamente com membros da universidade, visando resgatar essa identidade linguística reprimida durante os anos da Campanha de Nacionalização, no Estado Novo (1937 a 1945) e sua inserção no Inventário Nacional da Diversidade Linguística. A partir desse contexto, surge o Centro de Estudos Vênetos – CEVEP (Abm, 2022; Aise, 2022; Inform, 2022; Sereníssima News, 2022; Veneti & Veneti, 2022).

O CEVEP é um grupo de pesquisa que se preocupa com a valorização e a preservação dos bens culturais da imigração italiana e tem o intuito de colaborar com o fortalecimento da cultura e da língua dos italo descendentes não apenas do Paraná, mas do Brasil e do mundo. No rol desses bens destaca-se o Talian, língua de herança ítalo-brasileira, cujo grupo é composto por uma equipe multidisciplinar, professores, alunos e profissionais de diferentes áreas – Antropologia, Arquitetura, Comunicação, Educação, História, Letras, Sociologia, entre outras.

Esse projeto teve como justificativa a necessidade de mapeamento e conhecimento da comunida-

de de origem italiana nas cidades de Curitiba e Colombo para valorizar o seu patrimônio histórico, cultural e linguístico já que é uma etnia muito representativa numericamente que compõe o território do Paraná.

Além disso, a partir da demanda social e da construção do projeto juntamente com a Universidade, através do Departamento de Letras Estrangeiras e Modernas e do curso de Licenciatura em Língua Italiana, elaborou-se um plano de execução com a previsão de metodologias diversas, entre as quais, destaca-se a confecção, partindo das entrevistas, de um material áudio/vídeo/impresso que represente a comunidade e que funcione como resgate da identidade e do Talian como Língua de Herança e valorização dos costumes locais (Abm, 2022; Aise, 2022; Inform, 2022; Sereníssima News, 2022; Veneti & Veneti, 2022).

O objetivo é valorizar a fala da comunidade e que ela se reconheça com um papel importante de transmissora da cultura e da língua de origem, cujo sucesso depende da atuação de todos os membros.

Com a “descoberta” e valorização do Talian pretendeu-se formar os alunos da licenciatura em Letras para que o ensino do Italiano fosse feito neste dialeto. No ponto, realce-se que a valorização do Talian como ferramenta para o ensino da língua italiana será também proposta aos professores de italiano da rede municipal de Colombo, Paraná, para que essa língua passe a fazer parte do currículo escolar (Abm, 2022; Aise, 2022; Inform, 2022; Sereníssima News, 2022; Veneti & Veneti, 2022).

Desse modo, possível dizer que este é um exemplo, um caso específico, em que a demanda social fez o clamor por um conhecimento específico, conhecimento que, construído conjuntamente, alterou os próprios padrões de ensino e formação dentro da sala de aula, maximizando a via de mão dupla desejada pela extensão universitária.

O programa em questão rendeu vários produtos paradidáticos, didáticos e acadêmicos que, da mesma forma e construídos em colaboração entre a UFPR, o CEVEP, a comunidade e outros participantes, como alunos bolsistas e autoridades, para citar alguns, ilustram uma história exitosa muito distinta daquela traçada pelo diagnóstico em discussão.

Além de artigos acadêmicos, alguns dos produtos desse programa são: o vocabulário online do Talian; o Livro online As Curiosas Palavras de Nona Dete; e, o livro online A Máquina do Tempo, todos acessíveis e gratuitos (Abm, 2022; Aise, 2022; Inform, 2022; Sereníssima News, 2022; Veneti & Veneti, 2022).

Ressalte-se que, muito mais do que produtos a serem expostos, contam eles uma história de construção e de luta pela extensão universitária que vão ao encontro dos propósitos enunciados nesse artigo.

O projeto do Talian, aqui trazido pela vivência de um dos autores, é apenas um exemplar, dentre diversos outros que em estudos futuros poderiam ser melhor aprofundados, de construção dialógica e “interação transformadora” de todas as partes envolvidas, condições precípuas da Extensão (Forproex, 2012, p. 15). Não se trata de estender um conhecimento acumulado e definitivo à comunidade, mas dialogicamente, construir e estabelecer a integração e conexão entre conhecimentos da vivência comunitária e os saberes científicos para produzir assim, novos conhecimentos (Forproex, 2012).

Considerações finais

No presente trabalho, os autores procuraram delinear e sistematizar as principais ideias e noções apresentadas pelo Professor Dagnino no texto denominado “Como é a Universidade que o Brasil precisa?”, apresentado como um *Position Paper* durante o Foro Latino-Americano de Educación Superior, realizado em 2014.

O objetivo dessa retomada, como indicado introdutoriamente, foi de problematizar alguns dos pontos acima elencados durante o desenvolvimento do trabalho em questão, notadamente o aspecto da “disfuncionalidade” da universidade brasileira, cuja centralidade identifica o diagnóstico apresentado naquele *Position Paper*.

Assim, instigados pelo convite para uma discussão substantiva, típica de uma abordagem multi-

disciplinar do campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS, reafirmando-se a não neutralidade e a não-linearidade da ciência, culturalmente situada e construída, os autores compreendem que, não obstante a “disfuncionalidade” ou mesmo as disfuncionalidades apresentadas e associadas ao ensino superior nacional sejam pertinentes e muito relevantes, elas não são necessariamente determinantes da totalidade da práxis extensionista.

Com razão, como os próprios estudos de CTS nos sugerem, muitas são as variáveis a serem consideradas que afastam posturas de linearidade e até certo determinismo. Ainda que a economia solidária seja uma das possibilidades para se repensar a forma de construção de agendas e orientação da prática da docência, tanto na pesquisa quanto na extensão universitárias, ela de modo algum planifica ou resolve, por si só, as muitas complexidades envolvidas no perfazimento daquelas atividades. Vide, como sugerido acima, ainda que *en passant*, as questões de gênero, raça, etnia, geração, entre outras.

Isto posto, seria contraditório indicar aqui uma única solução para uma questão multifacetada, negando assim a própria argumentação formulada até o momento. Interessa discutir novos modelos epistemológicos que atendam à construção de conhecimentos, pouco a pouco, construídos pelos participantes do processo (Bazzo et al, 2016), inserindo-se, nesse contexto, o Projeto de Extensão Universitária, registrado como Talian, Língua de Herança da Comunidade Italiana da Grande Curitiba, junto à Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Referida experiência, apenas reforça, uma vez mais, o posicionamento aqui defendido, de que para a composição de um novo projeto de universidade, cabe conferir à extensão um desenvolvimento inclusivo, socialmente justo, economicamente igualitário e ambientalmente responsável. Universidade e comunidade sofrem influências recíprocas, devendo o fluxo entre extensão e comunidade ser multidirecional, em que os conhecimentos são transmitidos e absorvidos por ambos os lados.

Referências

ALLA Scoperta del Vocabolario Online Ecodiunavalle.com. **Veneti & Veneti**. Jan, 2022. Disponível em <http://www.venetinelmondo.org/alla-scoperta-di-www-ecodiunavalle-com/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CNES nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Brasília, 2018. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.

BAZZO, Walter Antônio. PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale Pereira. LINSINGEN, Irlan Von. **Educação Tecnológica: enfoques para o ensino de engenharia**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

CON il progetto “Eco di una valle” il primo vocabolario online del Talian parlato a Colombo (Stato del Paraná, Brasile). **Informazione del Giorno - Inform**. Jan, 2022. Disponível em: <https://comunicazioneinform.it/con-il-progetto-eco-di-una-valle-il-primo-vocabolario-online-del-talian-parlato-a-colombo-stato-del-parana-brasile/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CUTCLIFFE, Stephen H. La emergencia de CTS como campo académico. In: _____. **Ideas, máquinas y valores: los estudios de ciencia, tecnología y sociedad**. México: Universidade Nacional Autónoma do México, 2003. p. 07-24.

DAGNINO, Renato. **Como é a Universidade que o Brasil precisa?** Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 293-333, jul. 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.590/S1414-40772015000200003>. Acesso em: 05 ago. 2022.

DE BRITO DIAS, Rafael; SERAFIM, Milena Pavan; DE SOUZA SANTOS, Matheus Henrique. **A urgente tarefa de retomarmos o futuro por meio da tecnociência**. REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, v. 11, n. 1, p. 8-10, 2019.

DECCA, Edgar de. **O nascimento das fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ECO di una valle: il primo vocabolario online di Talian/veneto brasileiro. **Agenzia Internazionale Stampa Estero – AISE**. Jan. 2022. Disponível em: <https://www.aise.it/comunit%C3%A0/eco-di-una-valle-il-primo-vocabolario-online-di-talianveneto-brasiliano/170623/143>. Acesso em 18 jan. 2024.

ECO di una valle. Il vocabolario online del Talian parlato a Colombo, nel Paraná. **Associazione Bellunesi Nel Mondo - ABM**. Jan. 2022. Disponível em: <https://www.bellunesinelmondo.it/eco-di-una-valle-il-vocabolario-online-del-talian-parlato-a-colombo-nel-parana/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

ECO di una valle. **Veneti & Veneti**. Jan, 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/AssociazioneVenetinelMondo/videos/964823627460761>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FEENBERG, Andrew. **O que é Filosofia da Tecnologia?** Trad. Agustín Apaza, Título original: “What is Philosophy of Technology?”. S.l. n., s/d, p. 01-11.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**; traduzido por Joice Elias Costa, Porto Alegre, Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/egqsyvc6rccx4fu/Paulo%20Freire%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Mudan%C3%A7a.mp4?dl=0>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FREITAG, Bárbara. Quadro Teórico. In: **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes Ltda. 1986, p. 15-43.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 125-204.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012.

LISBOA, Armando de Melo. **Os Desafios da Economia Popular Solidária**. *Revista Perspectiva Econômica*. V. 35, n. 111, Série Cooperativismo, n. 48. 2000. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/nepesc7290/armando-lisboa---desafios....pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

PRESENTAZIONE del primo vocabolario online Talian (veneto-brasilian) di Colombo, Paraná (Brasile). **Serenissima News**. Jan, 2022. Disponível em: <https://www.serenissima.news/presentazione-del-primo-vocabolario-online-talian-veneto-brasilian-di-colombo-parana-brasile/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2004.

SINGER, P. **Economia Solidária: um modelo de produção e distribuição**. Em: Singer, P. e SOUZA, A.R. A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, N. A. et al. **Os Núcleos de Agroecologia: Caminhos e desafios na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Regina Helena Rosa Sambuichi [et al.](Orgs.). Brasília: Ipea, p. 53-87, 2017.

THOMAS, Hernán. **Tecnologías para Inclusão Social e Políticas Públicas na América Latina**. In _____. *Tecnologías Sociales: Caminhos para a sustentabilidade*. Brasília, 2009, RTS, p. 25-81.

VELHO, Léa. **Conceitos de Ciência e a Política Científica, Tecnológica e de Inovação**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, no 26, jan. /abr. 2011, p. 128-153.

Recebido em 03 de junho de 2025.

Aceito em 10 de julho de 2025.